

O meu Rio de Janeiro, quanto mais o tempo passa, mais fica cheio de graça, mais heróico e mais leal. Sofisticado e brejeiro, ombroso e hospitaleiro, Rio - tu não tens rival! ... Das cidades, soberana, manha terra caçona, em todos sempre provoca profunda admiração. O Guanabara, querida, cidade da minha vida, terra do meu coração!

-"Acary ou carab" - oca!"
O que, por corruptela, ou por uso, sem cautela, resultou em "anoca", de seguinte tradução:
"casa de branco" ou, então, "arruado dos acarys", face as roupas com escudos que os portugueses usavam (os quais, na sua maioria) lembrando peixes escudados, como são os acarys. Os outros termos tapus são: "oca" - casa ou viveiro; "carab" - homem, estrangeiro, branco, viú e sisudo.

I
Da História, que é primeiro de um mau tempo passero...
Vencido o tempo, dizem que foi um dia de chuva a Quarta-feira (que no tupi quer dizer água-mar) a 1501 ou 1502.
E por não ter explodido, além do desagradável, o acidente encontrado, por grande no o tomou. Não tendo a hagiologia santo consagrado ao dia, ao envolvimento doazou...
... isto é um desagradável, embora pareça um mal. Hoje é o dia e o Rio de Janeiro.
Este é o Rio de Janeiro. E assim o fez registrar. Mas tarde, ao ser revelado como forma boa, toda a terra que a cingia ia por Rio era chamada E como Rio São.

II
A mil quinhentos e três, o explorador português Gonçalo Coelho, após costear o litoral, também encontrou o Rio E ante o espanto do genro (festa de pedra e de ca) uma casa erguia na foz de um rio que desparava na baía que chegava a terra tão tropical. A casa benfocosa (limbre de serra) os índios apelidaram.

que isso, este "de janeiro" tem, como vê, por foto. Tanto que até me parece (me perdoe a sugestão) que Vossa Alteza podia, junto a formosa baía, se que por tudo mereço) mandar fazer, se o quisesse, honrada povoação. Que o resto é graça e beleza - realmente a Vossa Alteza - o que se pode dizer, sem ser imaginação."

V
Dois foram as cidades figuras dos jesuítas que a Torre acompanharam. Anchieta e o catequista, e Nobrega - o Bispo, os quais muito trabalharam pela colonização, servindo a Deus e a pátria, tendo a moral e a lei, a fé e a religião, por armas e instrumentos...

VI
O Almirante Coligny, tentando fundar aqui uma colônia francesa, foi quem fez zarpar da França Nicolau Villegagnon, com grande tripulação, o qual, mesmo sem bonança ao longo da viagem, não se desviou da rota, e a entrada, numa ilha, da baía, a Ilha de São, ancorou com esperança. Isto a 10 de novembro ou - dizem - 10 de dezembro do ano de mil e quinhentos e cinquenta e cinco, então A fim de se guarnecer, dois fortes fez logo erguer, - Le Raer - Lage, agora, e Coligny - por menção - que hoje é Villegagnon, - fortaleza de nome - na ilha do mesmo nome que foi Serape, outrora. Quatro anos depois, no entanto, por desgosto e desamando, Villegagnon foi embora, após fomentado no Rio, entre o francês e o português, sorte amaldiçoada, em má hora.

VII
Mil quinhentos e sessenta - o Governo arringenta - o Governo e Mem de Sá - forças contra o invasor que tinha por comandante Le Comte - vice-almirante, por Villegagnon eleito de sobrinho a sucessor. E os a primeira contenda, renhada, cruz, honrada, índios de ca e de lá, ...

VIII
Mil quinhentos e sessenta e quatro. A Coroa enfrenta o fracasso da expulsão tentada por Mem de Sá, o qual, do Rio de Janeiro, e mandando ao reforço - p'ra acabar com a invasão. Traz o reforço, sobrinho, de Mem de Sá, um sobrinho, chamado Estácio de Sá, jovem capitão da Armada, com ordens de governar e os franceses expulsar da já notoria maceda ...

IX
Dada a hostil recepção e face a ma condição em que se encontrava a Armada, teve Estácio que mudar p'ra as terras de São Vicente. Lá um ano dura a faina do gálio e da seteira, no afã de reparar a esquadra desmontada pela viagem inolemente. E de aldea em aldea, o Padre Nobrega anessa, com paciência indulgente, gemos alisar p'ra causa que tanto osuma. É Anchieta, doente, não se curava ou desamara, "terra abaixo, terra acima", "entre o Rio e São Vicente", de a todos moentivar ...

X
Estácio vem adiante na capitania, bastante seguro e esperançoso

de levar a cabo a empresa, com mais duzentas pessoas ...
Mil quinhentos e sessenta e cinco. Da primeira de maio. Quem documenta o fato e a data almejada, é Anchieta contando, fiel e abrisseiro, que Estácio, em desembarcando, logo a cidade fundou com treva e tranquilidade, no local que se bifurca entre os penedos da Uru, e Pio de Apucar, de um lado, do outro, o Cara de Cão, valentemente apadado por proenhor, sem medo, alguns dos quais si vió Pedro Martins Nimonado, rra Pelhoar de Anchieta, ... da Uru, o escurto.

XI
Nas mais já estavam roças, casas de barro, palhoças, baluartes e tapumes, post Vila Velha crescia, tinha até proador, aloude-mor e menor, merrinho e artilharia, água de poço e legumes. Não era mas uma herdade e desportava azoumados das flechas vezeiras. - diz a lenda - as Arzagas não chegaram a atacar a Vila dos proenhor, porque São Sebastião, numa nuvem levantada pela poeira queimada, surgiu c'o Estácio a lutar, na canoa, pa a par, atapanando a indada.

XII
A guisa de ilustração, relembro a proclamação que Estácio - o capitão-mor, fez ao fundar a cidade: não, por aspecto formal, mas para arguer o moral da tropa, cujo valor, coragem, animo e apoio pareciam fraguados, quando, ao desembarcar, sentiu a hostilidade.

e a multidão desigual da uria franco-tamoio. A dita seria bastosa, cruzi era a conjuntura, mas entre a tropa, a bravura crescia, no lado forte, que fala com coragem, e a terra todo se dá, abandonou-lo, quem há? Ninguém teme a luta e a morte, ouvindo Estácio de Sá!

XIII
... Oanhemos pois esta guerra da praça livre-se a terra, façamos dela cidade que fique aqua por lembrança de nossa rechoação!"

XIV
Tanto foram os reveses, que o tamoio e os franceses proseguiram traçando, fazendo em fevereiro, numa luta surda e dura, que se chegou a jurta perçosa e insegura e armada a posição de Estácio, o capitão-mor, embora assaz exemplar indo Anchieta a Bahia, contou ao governador a obra do fundador e os reveses que corra, o qual mandou apontar uma armada de socorro que fundou junto ao morro do Pio de Apucar, local onde, as forças proenhor de Estácio, corrou fiteira contra o foror munço, desbaratando o perço em batalha triunfal!

XV
Estácio, por lealdade, um nome deu a cidade: o de São Sebastião, que era homónimo do infante Dom Sebastião, remane nas terras de Portugal. Sendo a vinte de janeiro, o dia da devotação do santo-martir guerreiro,

teve Estácio, nesse dia, ano de mil e quinhentos e sessenta e sete, menço de amarrar, com cruzada, o forte Urucu-marin - onde e o morro da Glória - o reduto principal dos tamoios e franceses, batalha de los inglêsa, que assual, com desgosto, ter sido Estácio ferido - com uma flechada no rosto. So, então, a vinte e três, o esquadro português, p'ra sempre, o invasor francês, expulsou com frenesi, da ilha denominada Paranaquik, chamada após governador, ... de São Coligny.

XVI
Tio vitioso, embora, toda a soldadesca obra por Estácio que, flechado, faleceu em fevereiro, tal qual o santo guerreiro martir São Sebastião, e de-se do Infante, Dom Sebastião. Infante, em batalha desigual - "Merito, o grande capitão, que se dá ao proenhor!" - Franco, salva, oração, honra de heroi e soldado!" P'ra depois ser sepultado no oltro da primeira armada - a de São Sebastião - da Vila Velha - primaz, da qual foi o fundador, e pela qual-deu a vida. Mas tarde, ao ser essa herdade p'ra o Castelo transfenda, também o foi a ermida, e para lá, trasladado o corpo do fundador, que hoje, em cruz, numa Igreja - a de São Sebastião - da Tijuca, esta em paz, sob o epíteto: "Aqui jaz Estácio de Sá, primeiro capitão conquistador desta terra e cidade!"

Tributo ao Rio de Janeiro (cristão), de Rio que não tem rival (espanol). Alberta Moreira Prado

SELEÇÃO PIONEIRA - NOVEMBRO, 1996

Sombra em laranjeira, chão macio, perfumado, gotejando flores.
Fernando Lopes de Almeida Soares
Pequena obra de arte ornamenta o santo altar: um ninho de pássaro.
Sueli Teixeira
Ninho de pardal. Entre azuis, um ovo marrom. Cuco folgazão.
Maria de Jesus Baptista de Mello

Abelha procura a primeira estrela branca. Flor de laranjeira.
Maria Reginato Labruciano
Algazarra alada nas árvores do quintal... Construção de ninhos!
Douglas Eden Brotto
No copo, uma flor, é Dia do Professor. Singela homenagem.
Maria Reginato Labruciano

Desfaz-se, inútil, velho ninho de pássaro, ao vento - vazio.

Yara Shimada Brotto

Regos para os três haicais a serem enviados até o dia 10.03.97:

Chuva de Verão, Dia da Mulher, Mariposa. até o dia 10.04.97: Crista-de-galo, Paineira, 1º de Abril.

Fazer um haica e como ter uma foto. Vem o tipo (focalizamos), sentimo e que estamos vendo (diferenciação) e escrevemos (revelamos). Aproximado como uma foto ao olhar, este haica é que está sendo, porque tal como uma fotografia acentuado, o haica não registra nada. É, tal como uma boa foto, um bom haica costura sentido que o leitor percebe por si mesmo.

* Manoel Fernando Mendonça Rua Manoel de Andrade 100, Apto. 133 01134-000 - São Paulo, SP

1. Preencher os três haicais de cada seleção, conforme seus respectivos Regos (tema de seleção), em 4 folhas de papel carta ou ofício, escrever o nome e endereço. Enviar-lhe numamente pelo correio, com uma e envelope de remessa, até o dia 10 do mesmo mês. Os haicais não precisam ter, necessariamente, cada um dos três Regos do mês, isto é, pode-se repetir ou não cada um deles nos três haicais.
2. Posteriormente, o haicista receberá devidamente numerada, a relação dos haicais desse mesmo mês, afim de selecionar 10% deles.
3. O haicista se compromete a enviar uma folha, até o último dia do mesmo mês, o resultado dessa seleção. A folha conterá, respectivamente: o nome do haicista selecionado - em carta e a direita do papel; e, a direita do outro, o número e o texto de cada haica assim selecionado, sob pena de não o fomento, por não os votos que votou a receber os haicais de sua autoria. Deverá dizer-se que na seleção não se escolherá haicais de própria lavra.
4. O resultado (somatório de todos os votos assim enviados), será dado até o dia 10 do mês seguinte.

HAICAIS EM FOLHA

Criança sorrindo. Na mãozinha rechonchuda, passeia a joaninha...
Djalda Winter Santos
Varandas sombreadas com brisas quentes da tarde. Bailam samambaias!
Humberto Del Maestro
O sopro da brisa escova os longos cabelos de uma samambaia.
Darly A. de O. Barros

Sob o cogumelo um casal de joaninhas. o aguaceiro cai...
Darly A. de O. Barros
No xaxim, um veio de ramos da samambaia. Cachoeira verde!
Edmar Japiassu Maia
Pálida menina. O sorvete de morangos a pintar-lhe os lábios.
Hermoclydes Siqueira Franco

Com olhos fechados, o guri lamba o sorvete. Prazer inocente.

Maria Reginato Labruciano

TRAGÉDIA BRASILEIRA

Misael, funcionário da Fazenda, com 63 anos de idade, conheceu Maria Elvira na Lapa, prostituída, com sífilis, dermatite nos dedos, uma aliança enfiada e os dentes em posição de miséria.

Misael tirou Maria Elvira da vida, instalou-a num sobrado no Estácio, pagou médico, dentista, manicura... Dava tudo quanto ela queria.

Quando Maria Elvira se apanhou de boca bonita, arranjou logo um namorado.

Misael não queria escândalo. Podia dar uma surra, um tiro, uma facada.

Não fez nada disso: mudou de casa.

Viveram três anos assim.

Toda vez que Maria Elvira arranjava um namorado, Misael mudava de casa.

Os amantes moraram no Estácio, Rocha, Catete, rua General Pedra, Olaria, Ramos, Bonsucesso, Vila Isabel, rua Marquês de Sapucaí, Niterói, Encantado, rua Clapp, outra vez no Estácio, Todos os Santos, Catumbi, Lavradio, Boca do Mato, Inválidos...

Por fim na rua da Constituição, onde Misael, privado de sentidos e de inteligência, matou-a com seis tiros, e a polícia foi encontrá-la caída em decúbito dorsal, vestida de organdi azul.

Manuel Carneiro de Souza Bandeira (1886/1968)

Tu me queres alva,
me queres de espuma,
me queres de nácar,
que seja apocena
mais casta que todas, de perfume suave,
corola fechada.
Nem raio de lua
filtrado me toque.
Nem a margarida
seja a minha irmã.
Tu me queres nêvea,
tu me queres branca,
tu me queres casta.

Tu, que as taças todas já tiveste à mão.
Os lábios corados
de frutos e mel.
Tu, que no banquete
coberto de pampans,
as carnes gastei
festejando a Baco.
Tu, que nos jardins
escuros do engano,
lascivo e vermeão
correste no abismo.

Ó tu, que o esqueleto,
não sei por que graça ou por que milagre
conservas intacto,
só me queres branca,
(que Deus te perdoe!)
só me queres casta,
(que Deus te perdoe!)
só me queres alva.

Foge para o bosque,
vai para a montanha,
purifica a boca,
vive na humildade.
Segura com as mãos
a terra orvalhada.
Alimenta o corpo de raiz amarga.
Bebe a água das rochas,
dorme sobre a geada,
renova os tecidos
com salitre e água.
Conversa com os pássaros,
lava-te na aurora.
E já quando as carnes
ao corpo te voltarem,

e quando injas posto
nas carnes a alma
que, pelas alcovas
ficou enredada.
Então, - homem puro, -
pretende-me nêvea,
pretende-me branca,
pretende-me casta.

Tu me queres casta... Alfonsina Storni (1892/1938),
tradução: Oswaldino Orico (1900/1981).

A poesia quando chega não respeita nada
nem pai nem mãe.
Quando ela chega
de qualquer de seus abismos
desconhece o Estado e a Sociedade Civil
desrespeita o Código de águas relincha
como puta nova
em frente ao Palácio da Alvorada

e só depois reconsidera:
beija nos olhos
os que ganham mal
embala no colo
os que têm sede de felicidade
e de justiça

e promete incendiar o país.

Subversiva, José Ferreira Gullar

Quem escreve é um visitante.

Chega nas horas da noite
e toma o lugar do sono.
Chega a mesa do almoço
come a minha fome.

Escreve
o que eu nem suponha.
Assina meu nome.

Um Visitante, Eunice Arruda

Canção da Fortuna, Charles (Messenger) Vildrac (1882/1971)

Pois que tinha o olhar vendado,
perguntou para que lado
devia ir.

Uns tratantes que passavam
com dedos cheios de anéis,
tomaram-lhe o pulso e a ataram
com seus cordões.

E foram dormir com ela
e cortaram-lhe os cabelos
só para eles.

E esconderam-na bem entre
a muralha gorda feita
dos seus ventres.

Não a julgueis mal por isso,
vós que podeis avaliar
seus sorrisos!
Ela não sabe onde vai...
No seu pulso a corda má

faz-lhe mal.
É aquela venda maldita...
Talvez atrás dela, a mágoa
ter-lhe-á feito o olhar bonito
raso de água.
Tirem-lhe a faixa assassina
e ela até será capaz,
com seu olhos de menina,
de ir levar pão aos pardais.

Tradução: Guilherme de Andrade e Almeida (1890/1969)

João sem Terra, em um barco sem quilha, depois de muito
mar sem horizonte certo dia sem aurora desembarca em um
porto sem cidade e bate a uma porta sem casa.

Reconhece a mulher sem rosto que se despenca ao espelho
fosco, o leito sem repouso, o amor mudo, e a tristeza da
tarde já pela manhã.

Do cais onde o silêncio apodrece e seca um sol colhido
deparando verde, as desmanchadas navotas partiram para
outros um... anos.

Os estivadores que descarregam penas e alegrias, berços
exportados, esquifes importados, pipas sem azeite e tecidos
sem lá, assoviavam inutilmente os cantos da liberdade.

Estes couros jamais serão sapatos, este algodão não vestirá
os nus, esta lenha não dará chamas, deste trigo não se fará
pão.

Que porto será esse em que ninguém acosta? Que cabo será
esse, sombrio, sem continente? Qual esse furo! sem
misericórdia? E esse passageiro sem castigo?

João sem Terra, Yvan Goll (1881/1950), tradução: A. Costa

Uma vez atravessei uma cidade populosa ilustrando o meu
espírito, para proveito futuro, como suas suntuosidades,
arquitetura, costumes, tradições...
Mas, agora, de tudo dessa cidade, eu me lembro somente de
uma mulher que casualmente encontrei e que me deteve por
ter eu encontrado graça aos seus olhos.
Permanecemos juntos muitas noites e dias seguidos...
Tudo o mais para mim há muito caiu no esquecimento;
eu me lembro só, na verdade, dessa mulher que
apaixonadamente se juntou a mim.
Ainda hoje andamos à toa, nos amamos e outra vez nos
separamos,
às vezes ela me segura pela mão para que eu não parta,
e a pressinto juntinho de mim, os lábios mudos, alentos e
trémulos.

Uma vez atravessei um cidade populosa
Walter Whitman (1819/1892),
trad.: Oswaldino Marques.

Esta é a terra prometida

Raimundo Mapalães Juncei (1907/1981)

Vinde judeus, árabes, sírios, armênios,
turcos, suecos, finlandeses, tchecoslovacos, alemães,
Vinde nêgões de olhos tortos, catalães, italianos, polacos,
Perseguidos de todas as terras exaustas do mundo antigo,
vinde, que esta é a terra prometida.

Vinde,
Repartiremos convosco a nossa paisagem e o nosso pão.

Apenas,
deixai algum para nós.